

## Poeta futurista e Engenheiro Naval?

Fernando Antônio Nogueira Pessoa (1888-1935), além de escrever “por ele mesmo”, foi eternizado pelos heterônimos de Alberto Caeiro, Ricardo Reis e Álvaro Campos.

Ao fazer a história de seus heterônimos, em uma carta a Adolfo Casais Monteiro (1935), Fernando Pessoa conta que no dia 8 de março de 1914, tomado de um êxtase inexplicável, escreveu em torno de trinta poemas. Nesse dia tinha nascido Alberto Caeiro, chamado por ele mesmo de “mestre”. Em seguida, uma vez tendo o mestre, tentou achar uns discípulos. *“Surgiu-me impetuosamente um novo indivíduo. Num jacto, e à máquina de escrever, sem interrupção nem emenda, surgiu a Ode Triunfal de Álvaro de Campos”*.

Na mesma carta, Pessoa faz a biografia do heterônimo, e nos conta que Álvaro de Campos nasceu em 15 de outubro de 1890 em Tavira, na região de Algarve (Portugal), sendo mandado para a Escócia onde estudou engenharia Mecânica e posteriormente Naval. É poeta, futurista e sensacionista, um expoente do Modernismo Português, movimento que apresentou um caráter destruidor, trazendo a necessidade de uma ruptura com o passado para o surgimento de uma literatura nova.

É possível perceber pela leitura do poema Ode triunfal a relação entre Ciência, Tecnologia e Sociedade pela ótica do heterônimo Álvaro de Campos. Dentre seus versos podemos destacar os que mostram a presença do barulho gerado pelas grandes máquinas, ruído que não estava presente antes da industrialização, ou os que retratam a noção de consumismo, com a sociedade influenciando a tecnologia e a tecnologia influenciando a sociedade, além da visão de constante e contínua mudança encontrando-se ainda questões sobre malefícios e benefícios do uso da tecnologia na sociedade. Grandes desigualdades sociais e econômicas mostram-se presentes, e possibilitam questionar desde sua época e até hoje o progresso e a inovação tecnológica. Tal poema oferece a professores excelente contextualização para as mudanças vividas no início do século XX (o poema é de 1914) e caminhos para a interdisciplinaridade propiciando motivações e aprendizagens com significado.

## Ode Triunfal - Álvaro de Campos

À dolorosa luz das grandes lâmpadas  
eléctricas a fábrica  
Tenho febre e escrevo.  
Escrevo rangendo os dentes, fera para a  
beleza disto,  
Para a beleza disto totalmente  
desconhecida dos antigos.

Ó rodas, ó engrenagens, r-r-r-r-r-r-r  
eterno!  
Forte espasmo retido dos maquinismos  
em fúria!  
Em fúria fora e dentro de mim,  
Por todos os meus nervos dissecados  
fora,  
Por todas as papilas fora de tudo com  
que eu sinto!  
Tenho os lábios secos, ó grandes ruídos  
modernos,  
De vos ouvir demasiadamente de perto,  
E arde-me a cabeça de vos querer cantar  
com um excesso  
De expressão de todas as minhas  
sensações,  
Com um excesso contemporâneo de vós,  
ó máquinas!

Em febre e olhando os motores como a  
uma Natureza tropical -  
Grandes trópicos humanos de ferro e  
fogo e força -  
Canto, e canto o presente, e também o  
passado e o futuro,  
Porque o presente é todo o passado e  
todo o futuro  
E há Platão e Virgílio dentro das  
máquinas e das luzes eléctricas  
Só porque houve outrora e foram

humanos Virgílio e Platão,  
E pedaços do Alexandre Magno do  
século talvez cinquenta,  
Átomos que hão-de ir ter febre para o

cérebro do Ésquilo do século cem,  
Andam por estas correias de  
transmissão e por estes êmbolos e por  
estes volantes,  
Rugindo, rangendo, ciciando, estrugindo,  
ferreando,  
Fazendo-me um acesso de carícias ao  
corpo numa só carícia à alma.

Ah, poder exprimir-me todo como um  
motor se exprime!  
Ser completo como uma máquina!  
Poder ir na vida triunfante como um  
automóvel último-modelo!  
Poder ao menos penetrar-me fisicamente  
de tudo isto,  
Rasgar-me todo, abrir-me  
completamente, tornar-me passento  
A todos os perfumes de óleos e calores e  
carvões  
Desta flora estupenda, negra, artificial e  
insaciável!

Fraternidade com todas as dinâmicas!  
Promíscua fúria de ser parte-agente  
Do rodar férreo e cosmopolita  
Dos comboios estrénuos,  
Da faina transportadora-de-cargas dos  
navios,  
Do giro lubrifico e lento dos guindastes,  
Do tumulto disciplinado das fábricas,  
E do quase-silêncio ciciante e monótono  
das correias de transmissão!

Horas europeias, produtoras, entaladas  
Entre maquinismos e afazeres úteis!  
Grandes cidades paradas nos cafés,  
Nos cafés - oásis de inutilidades ruidosas  
Onde se cristalizam e se precipitam  
Os rumores e os gestos do Útil  
E as rodas, e as rodas-dentadas e as  
chumaceiras do Progressivo!  
Nova Minerva sem-alma dos cais e das

gares!  
Novos entusiasmos de estatura do  
Momento!  
Quilhas de chapas de ferro sorrindo  
encostadas às docas,  
Ou a seco, erguidas, nos planos-  
inclinados dos portos!  
Actividade internacional, transatlântica,  
Canadian-Pacific!  
Luzes e febris perdas de tempo nos bares,  
nos hotéis,  
Nos Longchamps e nos Derbies e nos  
Ascots,  
E Piccadillies e Avenues de L'Opéra que  
entram  
Pela minh'alma dentro!

Hé-lá as ruas, hé-lá as praças, hé-lá-hô la  
foule!  
Tudo o que passa, tudo o que pára às  
montras!  
Comerciantes; vários; escrocs  
exageradamente bem-vestidos;  
Membros evidentes de clubes  
aristocráticos;  
Esquálidas figuras dúbias; chefes de  
família vagamente felizes  
E paternais até na corrente de oiro que  
atravessa o colete  
De algibeira a algibeira!  
Tudo o que passa, tudo o que passa e  
nunca passa!  
Presença demasiadamente acentuada das  
cocotes  
Banalidade interessante (e quem sabe o  
quê por dentro?)  
Das burguesinhas, mãe e filha  
geralmente,  
Que andam na rua com um fim  
qualquer;  
A graça feminina e falsa dos pederastas  
que passam, lentos;  
E toda a gente simplesmente elegante que  
passeia e se mostra  
E afinal tem alma lá dentro!

(Ah, como eu desejaria ser o souteneur  
disto tudo!)

A maravilhosa beleza das corrupções  
políticas,  
Deliciosos escândalos financeiros e  
diplomáticos,  
Agressões políticas nas ruas,  
E de vez em quando o cometa dum  
regicídio  
Que ilumina de Prodígio e Fanfarra os  
céus  
Usuais e lúcidos da Civilização  
quotidiana!

Notícias desmentidas dos jornais,  
Artigos políticos insinceramente  
sinceros,  
Notícias passez à-la-caisse, grandes  
crimes -  
Duas colunas deles passando para a  
segunda página!  
O cheiro fresco a tinta de tipografia!  
Os cartazes postos há pouco, molhados!  
Vients-de-paraître amarelos como uma  
cinta branca!  
Como eu vos amo a todos, a todos, a  
todos,  
Como eu vos amo de todas as maneiras,  
Com os olhos e com os ouvidos e com o  
olfacto  
E com o tacto (o que palpar-vos  
representa para mim!)  
E com a inteligência como uma antena  
que fazeis vibrar!  
Ah, como todos os meus sentidos têm cio  
de vós!

Adubos, debulhadoras a vapor,  
progressos da agricultura!  
Química agrícola, e o comércio quase  
uma ciência!  
Ó mostruários dos caixeiros-viajantes,  
Dos caixeiros-viajantes, cavaleiros-  
andantes da Indústria,  
Prolongamentos humanos das fábricas e  
dos calmos escritórios!

Ó fazendas nas montras! Ó manequins! Ó últimos figurinos!  
Ó artigos inúteis que toda a gente quer comprar!  
Olá grandes armazéns com várias secções!  
Olá anúncios eléctricos que vêm e estão e desaparecem!  
Olá tudo com que hoje se constrói, com que hoje se é diferente de ontem!  
Eh, cimento armado, beton de cimento, novos processos!  
Progressos dos armamentos gloriosamente mortíferos!  
Couraças, canhões, metralhadoras, submarinos, aeroplanos!  
Amo-vos a todos, a tudo, como uma fera.  
Amo-vos carnivoramente.  
Pervertidamente e enroscando a minha vista  
Em vós, ó coisas grandes, banais, úteis, inúteis,  
Ó coisas todas modernas,  
Ó minhas contemporâneas, forma actual e próxima  
Do sistema imediato do Universo!  
Nova Revelação metálica e dinâmica de Deus!

Ó fábricas, ó laboratórios, ó music-halls, ó Luna-Parks,  
Ó couraçados, ó pontes, ó docas flutuantes -  
Na minha mente turbulenta e encandescida  
Possuo-vos como a uma mulher bela,  
Completamente vos possuo como a uma mulher bela que não se ama,  
Que se encontra casualmente e se acha interessantíssima.

Eh-lá-hô fachadas das grandes lojas!  
Eh-lá-hô elevadores dos grandes edifícios!  
Eh-lá-hô recomposições ministeriais!  
Parlamentos, políticas, relatores de

orçamentos,  
Orçamentos falsificados!  
(Um orçamento é tão natural como uma árvore  
E um parlamento tão belo como uma borboleta).

Eh-lá o interesse por tudo na vida,  
Porque tudo é a vida, desde os brilhantes nas montras  
Até à noite ponte misteriosa entre os astros  
E o mar antigo e solene, lavando as costas  
E sendo misericordiosamente o mesmo  
Que era quando Platão era realmente Platão  
Na sua presença real e na sua carne com a alma dentro,  
E falava com Aristóteles, que havia de não ser discípulo dele.

Eu podia morrer triturado por um motor  
Com o sentimento de deliciosa entrega duma mulher possuída.  
Atirem-me para dentro das fornalhas!  
Metam-me debaixo dos comboios!  
Espanquem-me a bordo de navios!  
Masoquismo através de maquinismos!  
Sadismo de não sei quê moderno e eu e barulho!

Up-lá hô jockey que ganhaste o Derby,  
Morder entre dentes o teu cap de duas cores!

(Ser tão alto que não pudesse entrar por nenhuma porta!  
Ah, olhar é em mim uma perversão sexual!)

Eh-lá, eh-lá, eh-lá, catedrais!  
Deixai-me partir a cabeça de encontro às vossas esquinas.

E ser levado da rua cheio de sangue  
Sem ninguém saber quem eu sou!

Ó tramways, funiculares,  
metropolitanos,  
Roçai-vos por mim até ao espasmo!  
Hilla! hilla! hilla-hô!  
Dai-me gargalhadas em plena cara,  
Ó automóveis apinhados de pândegos e  
de...,  
Ó multidões quotidianas nem alegres  
nem tristes das ruas,  
Rio multicolor anónimo e onde eu me  
posso banhar como quereria!  
Ah, que vidas complexas, que coisas lá  
pelas casas de tudo isto!  
Ah, saber-lhes as vidas a todos, as  
dificuldades de dinheiro,  
As dissensões domésticas, os deboches  
que não se suspeitam,  
Os pensamentos que cada um tem a sós  
consigo no seu quarto  
E os gestos que faz quando ninguém  
pode ver!  
Não saber tudo isto é ignorar tudo, ó  
raiva,  
Ó raiva que como uma febre e um cio e  
uma fome  
Me põe a magro o rosto e me agita às  
vezes as mãos  
Em crispações absurdas em pleno meio  
das turbas  
Nas ruas cheias de encontrões!

Ah, e a gente ordinária e suja, que parece  
sempre a mesma,  
Que emprega palavras como palavras  
usuais,  
Cujos filhos roubam às portas das  
mercearias  
E cujas filhas aos oito anos - e eu acho  
isto belo e amo-o! -  
Masturbam homens de aspecto decente  
nos vãos de escada.  
A gentalha que anda pelos andaimes e  
que vai para casa  
Por vielas quase irreais de estreiteza e

podridão.

Maravilhosamente gente humana que  
vive como os cães  
Que está abaixo de todos os sistemas  
morais,  
Para quem nenhuma religião foi feita,  
Nenhuma arte criada,  
Nenhuma política destinada para eles!  
Como eu vos amo a todos, porque sois  
assim,  
Nem imorais de tão baixos que sois, nem  
bons nem maus,  
Inatingíveis por todos os progressos,  
Fauna maravilhosa do fundo do mar da  
vida!

(Na nora do quintal da minha casa  
O burro anda à roda, anda à roda,  
E o mistério do mundo é do tamanho  
disto.  
Limpa o suor com o braço, trabalhador  
descontente.  
A luz do sol abafa o silêncio das esferas  
E havemos todos de morrer,  
Ó pinheirais sombrios ao crepúsculo,  
Pinheirais onde a minha infância era  
outra coisa  
Do que eu sou hoje...)

Mas, ah outra vez a raiva mecânica  
constante!  
Outra vez a obsessão movimentada dos  
ónibus.  
E outra vez a fúria de estar indo ao  
mesmo tempo dentro de todos os  
comboios  
De todas as partes do mundo,  
De estar dizendo adeus de bordo de  
todos os navios,  
Que a estas horas estão levantando ferro  
ou afastando-se das docas.  
Ó ferro, ó aço, ó alumínio, ó chapas de  
ferro ondulado!  
Ó cais, ó portos, ó comboios, ó  
guindastes, ó rebocadores!

Eh-lá grandes desastres de comboios!  
Eh-lá desabamentos de galerias de minas!  
Eh-lá naufrágios deliciosos dos grandes transatlânticos!  
Eh-lá-hô revoluções aqui, ali, acolá,  
Alterações de constituições, guerras, tratados, invasões,  
Ruído, injustiças, violências, e talvez para breve o fim,  
A grande invasão dos bárbaros amarelos pela Europa,  
E outro Sol no novo Horizonte!

Que importa tudo isto, mas que importa tudo isto  
Ao fúlgido e rubro ruído contemporâneo,  
Ao ruído cruel e delicioso da civilização de hoje?  
Tudo isso apaga tudo, salvo o Momento,  
O Momento de tronco nu e quente como um fogueiro,  
O Momento estridentemente ruidoso e mecânico,  
O Momento dinâmico passagem de todas as bacantes  
Do ferro e do bronze e da bebedeira dos metais.

Eia comboios, eia pontes, eia hotéis à hora do jantar,  
Eia aparelhos de todas as espécies, férreos, brutos, mínimos,  
Instrumentos de precisão, aparelhos de triturar, de cavar,  
Engenhos brocas, máquinas rotativas!

Eia! eia! eia!  
Eia electricidade, nervos doentes da

Matéria!  
Eia telegrafia-sem-fios, simpatia metálica do Inconsciente!  
Eia túneis, eia canais, Panamá, Kiel, Suez!  
Eia todo o passado dentro do presente!  
Eia todo o futuro já dentro de nós! eia!  
Eia! eia! eia!  
Frutos de ferro e útil da árvore-fábrica cosmopolita!  
Eia! eia! eia! eia-hô-ô-ô!  
Nem sei que existo para dentro. Giro, rodeio, engenho-me.  
Engatam-me em todos os comboios.  
Içam-me em todos os cais.  
Giro dentro das hélices de todos os navios.  
Eia! eia-hô! eia!  
Eia! sou o calor mecânico e a electricidade!

Eia! e os rails e as casas de máquinas e a Europa!  
Eia e hurrah por mim-tudo e tudo, máquinas a trabalhar, eia!

Galgar com tudo por cima de tudo! Hup-lá!

Hup-lá, hup-lá, hup-lá-hô, hup-lá!  
Hé-la! He-hô! H-o-o-o-o!  
Z-z-z-z-z-z-z-z-z-z-z!

Ah não ser eu toda a gente e toda a parte!

Londres, 1914 - Junho.

ROBERTO DALMO VARALLO LIMA DE OLIVEIRA

GLÓRIA REGINA PESSÔA CAMPELO QUEIROZ